

A TEORIA DO GEOSSISTEMA E SUA CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS: CASO DA COMUNIDADE DO RIO FAÇÃO –RIO FORTUNA - SC.

Msc. Márcia Fernandes Rosa Neu
Dra. Deisi Scunderclick Farias e
Msc. Maria Arlete Goulart Piucco
Edenir Baggo Perin
Pesquisadores do GRUPEP¹

1. Introdução

A teoria do Geossistema foi introduzida na geografia brasileira por Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, a partir das pesquisas de Sotcha, na Europa analisando as planícies russas. Tem, portanto, origem na Geografia física e demarca um ponto fundamental no estudo da natureza.

Sabe-se que a geografia é a ciência que estuda a Terra como morada do homem e diz respeito ao espaço terrestre, interpretando suas interrelações. Nesse sentido, não se pode admitir uma geografia que seja apenas física, sem esquecer o enfoque humano. Essa separação, é fruto de um longo período em que os famosos relatos da ditadura militar levaram os geógrafos a separar os enfoques dados a análise do espaço.

Esse tipo de entendimento leva ao empobrecimento da ciência geográfica, que não consegue dar sustentação aos anseios da sociedade moderna.

Geógrafos como Aziz Ab'Saber, e C. A F. Monteiro, conseguiram mostrar com muita propriedade a importância da análise geográfica, respaldada pela inquietude de entender a realidade. Independente de qual enfoque geográfico precisa ser trabalhado.

2. A teoria de Geossistema e a pesquisa arqueológica

A teoria do Geossistema é capaz de retomar a geografia da década de 1970, quando o estudo mais integral do espaço era realizado. Sabe-se que o conceito de ecologia para a geografia tem escalas muito variáveis, pode variar de uma gota d'água ao planeta Terra. Já a teoria do Geossistema se dá em uma escala geográfica considerável, e que pode levar os geógrafos às pesquisas mais consistentes de uma dada realidade.

Nesse sentido, o objetivo desse projeto é de servir de apoio à pesquisa arqueológica no Rio Fação, em Rio Fortuna (SC), que possui um grande número de resquícios de estruturas de combustão ligadas a grupos pré-coloniais, maior que a média dos ambientes da encosta catarinense. Propõe-se fazer um levantamento amplo desse ambiente para compreendê-lo, enfocando as ocupações pré-históricas até as mais recentes ocupações.

As áreas correspondentes ao planalto e ao litoral, sempre foram foco de interesse da arqueologia pré-histórica. Isso ocorre devido à diversidade humana e ambiental, encontrada nessa região durante os períodos conhecidos como Arcaico e Formativo. As pesquisas arqueológicas apontam para evidências de contato entre as populações do planalto e do litoral, inclusive com re-ocupação de acampamentos anteriores. Já a área que entremeia essa região conhecida como "área de Mata Atlântica", é vista como sendo de área de transição ou, ainda, de pouca ou nenhuma ocupação efetiva .

No entanto, verificamos, junto a inferências in loco, que essa região pode ter sido intensamente utilizada por forrageadores, caçadores-coletores e ceramistas agricultores devido a vestígios de ocupações pré-coloniais de diferentes grupos humanos (FARIAS, 2005).

De Blasis (1996:11-12) identifica esse potencial no Vale Ribeira do Iguape/SP, onde classifica o Médio Vale como uma região periférica, com sinais de culturas provenientes do planalto e do litoral; sugere que, "em época mais recente, a área parece se caracterizar como refúgio para grupos sob pressão demográfica nas regiões contíguas, ou simplesmente uma região periférica em relação às características culturais mais desenvolvidas das regiões vizinhas,(...)".

¹ Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial.

Essa hipótese também foi confirmada para a região de pesquisa com a tese de Farias (2005).

O potencial arqueológico da região da AMUREL, envolvendo a encosta da Serra chama a atenção, porque durante levantamento arqueológico preliminar, realizado nos meses de julho e agosto de 2004, encontramos vários sítios líticos ligados à Tradição Umbu e possuímos algumas informações ligadas aos grupos ceramistas do planalto. Há ainda evidências etnohistóricas de ocupação xokleng na área. Tais constatações podem caracterizar o espaço em estudo como uma área de ocupação permanente, agregando grupos estruturados em outros ambientes, mas que, por algum motivo, investem energia na instalação de suas culturas nesta área, dita periférica.

Assim, compreendemos que o homem se integra ao ambiente a partir de um longo período de tempo (BELOVSKY, 1988). Essa integração propicia o conhecimento dos principais recursos a serem usufruídos na sua subsistência e compreendendo essa dinâmica de aproveitamento material poderemos construir um modelo sócio-cultural dos grupos forrageadores da região centro sul de Santa Catarina, que certamente utilizavam esse espaço durante todo o ano, transitando entre os vários ambientes que a compõe e usufruindo os recursos distribuídos ao longo do ano. Quando um recurso rareava ou terminava, outro seria utilizado na complementação alimentar. Acredita-se que nesse caso o palmito (e outros alimentos como o cará) tenha uma função estratégica. Por ser um alimento disponível durante todos os períodos do ano, os forrageadores poderiam estar utilizando-o(s) constantemente.

Esses grupos, adaptados ao seu ambiente, constroem processos mentais de aproveitamento e otimização do espaço. Que se refletem nas relações estabelecidas entre eles. Essas, por sua vez, demonstram a acumulação do conhecimento gerado durante anos de convívio, criando uma espécie de “saber ecológico”.

Bates & Lees (1996:14) esclarecem que depois que se iniciou a domesticação de plantas e animais, e os humanos começaram a depender de maneira crescente das plantas cultivadas e dos animais domesticados, o forragear continuou a ser importante para subsistência de muitos grupos, algumas vezes, na base sazonal.

O exemplo de forrageadores como os Batak (EDER, 1996), os Nukak (POLITIS, 1996), e os Xokleng (FARIAS, 2005) podem ser utilizados para entendermos o padrão de mobilidade, assentamento e estabilidade de grupos caçadores-coletores na Mata Atlântica catarinense. A princípio podemos supor que esta área possuía uma função estratégica na subsistência do grupo, não podendo ser descartada, ou apenas transformada em local de passagem. Por estar situado entre o litoral e o planalto este local possui uma forte relevância habitacional. A floresta oferecia alimentos vegetais em abundância. O palmito pode ser visto como um elemento dinamizador, que se apresenta como um recurso permanente e estável. Outro importante elemento é o pinhão, forte fonte de carboidrato.

3. Considerações parciais

A partir desses dados preliminares, percebe-se que o grupo reconhece seu espaço de moradia, sabe onde coletar determinados tipos de alimentos, e a época do ano em que são abundantes, reconhecem a qualidade do solo, e suas épocas para plantio; reconhecem o ciclo produtivo dos animais e utilizam a caça na complementação protéica; buscam, nas reservas minerais, o material propício para a produção de artefatos, quando essas jazidas não afloram na superfície; encontram nos leitos dos rios e córregos a fonte da matéria-prima.

Hoje essa mesma área é utilizada, principalmente para o cultivo agrícola, de colonizadores italianos, que desde meados do século XIX, migraram para o local e passaram a ocupar áreas antes utilizadas pelas populações de coletores-caçadores.

Dessa forma, a pesquisa tem se desenvolvido com a aplicação da Teoria do Geossistema na pesquisa arqueológica e se efetuará dividida em três etapas: num primeiro momento será realizada uma abordagem ecológica da área, descrevendo e analisando os aspectos climatológicos, geomorfológicos, hidrográficos e geológicos da região; num segundo momento, será abordado o potencial biológico, analisando nesse momento a pedologia e a biogeografia; e no terceiro e último estágio do projeto será feita a verificação da ação antrópica da área do Rio Facão em Rio Fortuna (SC), observando a história, colonial e pré-colonial, a economia, a sociologia e a antropologia dessa área.

A pesquisa aprofundará o entendimento da ocupação e o padrão de assentamento pré-colonial da área de Mata Atlântica no sul catarinense; vamos contar, também com o estabelecimento de uma cronologia ocupacional pertinente; com o desenvolvimento de atividades

educativas (FARIAS, 2000) e com a perspectiva de desenvolver o turismo cultural e ambiental, numa perspectiva de responsabilidade e sustentabilidade (BARRETO, 1998).

Esses dados nos darão um panorama sobre a ocupação e o aproveitamento dos recursos vegetais da Mata Atlântica na encosta de Santa Catarina, além de aplicar a teoria do geossistema, deve permitir a compreensão da totalidade no local e ampliar a atuação dos estudos arqueológicos na visão histórica da sociedade catarinense.

4. Referências bibliográficas

BATES, Daniel G. & LEES, Susan H. Case studies in Human Ecology. New York, Plenum Press. 1996. 407 p.

BELOVSKY, Gary E. An optimal foraging-based model of hunter-gatherer population dynamics. *Journal of Anthropological Archaeology*, 7:329-372, 1988.

BERTRAND, G. Paisagem e Geografia Física global: esboço metodológico. São Paulo: Instituto de Geografia da USP.

DE BLASIS, Paulo A. D. Bairro da Serra em três tempos: arqueologia e uso do espaço regional e continuidade cultural no Médio Vale do Ribeira. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

KERN, Arno Alvarez. A cultura material, a história e a arqueologia. In: Anais da X Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Curitiba: SBPH, p.37-40, 1991.

MONTEIRO, C. A.F.(2000) Geossistemas: a história de uma procura. São Paulo, Contexto/Geosp.

SOTCHAVA, V. B. (1977). O estudo do Geossistema. São Paulo. Instituto de Geografia USP.

EDER, James F. 1984. The impact of subsistence change on mobility and settlement pattern in a tropical forest foraging economy: some implications for archaeology. *American Anthropology*, 86(4): 837-853.

FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy. Distribuição e padrão de assentamento - Propostas para Sítios da Tradição Umbu na Encosta de Santa Catarina. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de. Arqueologia e Educação: uma proposta de preservação para os sambaquis do Sul de Santa Catarina (Jaguaruna, Laguna e Tubarão). Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -PUCRS. Dissertação de Mestrado, 2000.

POLITIS, G. Nukak. Bogotá: Instituto Amazonico de Investigaciones Cientificas, 1996

SCHMITZ, Pedro Ignácio. O Povoamento do Brasil. In: ALVES FILHO, Ivan. História pré-colonial do Brasil. Rio de Janeiro. Ed. Europa. 1994.

_____. Caçadores e Coletores da Pré-História do Brasil. São Leopoldo. Instituto Anchieta de Pesquisas, 1984. 120p.

_____. Industrias líticas en el Sur de Brasil. In: Schmitz, Pedro Ignácio. (org.). Contribuciones a la Prehistoria de Brasil. Pesquisas Antropologia. São Leopoldo. Instituto Anchieta de Pesquisas. n. 32, p. 107-130, 1981.